

ESTUDO DAS CONDIÇÕES DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DE PRODUTORES RURAIS: A CONTRIBUIÇÃO DE MICHÈLE SALMONA

Study of Life, Work and Health Conditions of Farmers: the Contribution Made by Michèle Salmona

RESUMO

Objetivou-se, neste artigo, apresentar aspectos da contribuição de Michèle Salmona, pesquisadora em psicologia do trabalho (aposentada) que, desde os anos 1960, tem analisado a modernização da agricultura francesa e seus custos sociais e humanos. A autora critica a política de desenvolvimento e de extensão rural que prevaleceu. Com base em vários projetos de pesquisa-ação ela descreve as condições de vida, trabalho e saúde entre pequenos produtores e trabalhadores rurais e mostra como a modernização agrícola que lhes foi imposta teve como efeitos nefastos: aumento do sofrimento social, perda de significação das profissões tradicionais, endividamento das famílias, sobrecarga no trabalho das mulheres, rompimento de vínculos familiares e, finalmente, crises de depressão e suicídios. Como método de construção deste trabalho optamos por uma seleção qualitativa das principais obras da autora que foi analisada e interpretada em função de uma temática escolhida, com base na relevância dos problemas abordados (modernização da agricultura, concepção da extensão rural, crises depressivas, condição da mulher, violência e desconforto animal etc.). Insuficientemente divulgadas, as obras de Michèle Salmona constituem uma fonte original para renovar as pesquisas sociais e psicológicas sobre as condições de vida, trabalho e saúde no campo. O resultado alcançado mostra a riqueza analítica da obra de Michèle Salmona que teria ricas aplicações no contexto brasileiro, mas esse último aspecto não será detalhado dentro das limitações do presente artigo.

Michel Jean-Marie Thiollent
Universidade do Grande Rio
m.thiollent@gmail.com

Clovis Dorigon
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
clovisdorigon@gmail.com

Recebido em 07/04/2012. Aceito em 15/01/2014.
Avaliado pelo sistema blind review
Avaliador científico: Daniel Carvalho de Rezende

ABSTRACT

The objective of this paper is to present aspects of the contribution made by Michèle Salmona, a researcher in work psychology (retired) who, since the 1960's, has analyzed the modernization of French agriculture and its social and human costs. The author criticizes the development and rural extension policy which prevailed. Based on many action-research projects, she describes life, work and health conditions among small farmers and rural workers, and shows how the agricultural modernization imposed on them presented the negative effects of: increase in social suffering, significance loss of traditional occupations, household indebtedness, work overload for women, breach in family relations and, finally, depression crises and suicide. As a construction method for this work we chose a qualitative selection of the major works from the author, which were analyzed and interpreted regarding a theme chosen based on the relevance of the problems approached (agriculture modernization, rural extension conception, depression crises, women's condition, violence and animal discomfort, etc.). Insufficiently disclosed, Michèle Salmona's works constitute an original source to renew social and psychological researches on life, work and health conditions in rural areas. The results obtained shows the analytical richness of Michèle Salmona's work, which have possible rich applications in Brazilian context, however, this latest aspect will not be detailed within the limitations of this article.

Falta palavras chave: Produtores rurais, condições de trabalho, saúde, mulheres do campo, modernização, extensão rural, França.

Keywords: Farmers, work conditions, health, women, modernization, extension, France.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, em vários países, com as exigências da competitividade empresarial, a precarização do emprego e a intensificação do trabalho, uma relativa degradação das condições de vida, trabalho e saúde tem sido observada, não somente em termos de acidentes corporais como também de crises familiares, depressões

e casos de suicídio. Essa tendência não se limita ao contexto das indústrias e empresas de serviços onde muitos exemplos foram noticiados recentemente na imprensa. Talvez por razões diferenciadas, o fato ocorra também na agropecuária, tanto no setor de uso intensivo de tecnologia e de grande escala, quanto no setor da pequena produção familiar, às vezes, em dificuldades. As condições de vida, trabalho e saúde no campo, entre trabalhadores e pequenos

produtores da agropecuária são menos estudadas e menos conhecidas que as do contexto urbano, em empresas industriais ou de serviços.

Entre os autores de áreas de ciências sociais e humanas, sociologia rural, psicologia do trabalho que se debruçaram sobre os problemas vividos por pequenos produtores e trabalhadores rurais, destaca-se Michèle Salmona. Embora limitada ao contexto da agropecuária francesa, sua contribuição é importante e traz conceitos e considerações metodológicas úteis para estudar as condições de vida, trabalho e saúde no campo em outros continentes.

Objetivou-se, aqui, apresentar diversos aspectos da contribuição da autora e alguns dos temas abordados ao longo de sua trajetória de pesquisa. São temas que abrangem a modernização da agricultura e seus custos sociais e humanos, a concepção do desenvolvimento, da extensão rural e da metodologia de pesquisa, inclusive pesquisa-ação, as condições de vida e trabalho específicas entre mulheres do campo, a violência e a questão do bem-estar animal. Vários desses temas têm sido ignorados por grande parte dos especialistas em ciências agrárias, pesquisadores universitários e responsáveis políticos do desenvolvimento rural (na França, como também em outros países de forte setor agropecuário).

2 SOBRE A AUTORA

Michèle Salmona, nascida em 1932, professora emérita da Universidade de Paris X – Nanterre. Pesquisadora em psicologia do trabalho, co-fundadora do CAESAR (*Centre d'anthropologie économique et sociale: applications et recherches*), vinculado à referida universidade, tem coordenado a partir de 1970 um grupo interdisciplinar sobre “Trabalho e saúde na agricultura” e organizado uma área de ensino sobre as “Metodologias de avaliação das políticas públicas”. Participou em múltiplas pesquisas em áreas de agricultura e artesanato, e de psicossociologia do desenvolvimento.

Além de um grande número de artigos, relatórios de pesquisa e filmes documentários sobre as condições de trabalho no campo, Michèle Salmona é autora de dois livros importantes:

“*Les paysans français: travail, métiers, transmission des savoirs*” (1994) [Os camponeses franceses: Trabalho, profissões, transmissão dos saberes]. Nesse livro, a autora descreve minuciosamente o trabalho dos camponeses, a transmissão de seus saberes de geração para geração e as transformações que vêm sofrendo em função da modernização acelerada.

“*Souffrances et résistances des paysans français: violences des politiques publiques de modernisation économique et culturelle*” (1994) [Sofrimentos e resistências dos camponeses franceses: violências das políticas públicas de modernização econômica e cultural]. Com base nos resultados de uma intensa pesquisa-ação, o livro analisa as condições de trabalho rural do Sul da França, afetadas pelas políticas de modernização da agricultura.

Nos últimos anos, a autora tem dado continuidade à sua obra, destacando a deterioração das condições de vida, trabalho e saúde de pequenos agricultores na França, muitos deles em dificuldades, sendo levados à depressão e até ao suicídio (SALMONA, 2007). O fato adquiriu destaque na imprensa (CHEMIN, 2002) e, mais recentemente, foi objeto de intenso debate internacional, principalmente no âmbito do trabalho industrial (onde operários sofrem as consequências das reestruturações e da gestão por processos) e em serviços (onde funcionários competem individualmente e são assoberbados de tarefas) inclusive em nível executivo. O problema se tornou central em pesquisas sobre psicopatologia do trabalho e psicodinâmica do trabalho (DEJOURS; BÈGUE, 2009).

Iniciada nas décadas de 1960/70, a contribuição em psicologia do trabalho no campo pode ser considerada como precursora da psicodinâmica do trabalho desenvolvida por Christophe Dejours, com quem a autora tem colaborado de longa data. Hoje, esse tipo de abordagem encontra uma ampla difusão no Brasil (LANCMAN; SZNELWAR, 2011), mas, sem dúvida, muitos estudos concretos ainda são necessários, em particular na realidade do trabalho rural. Além disso, estudos recentes de Salmona (2010) convergem com o esforço de renovação das análises do trabalho desenvolvido por Clot e Lhuillier (2010), em uma abordagem por vezes denominada “Clínicas do Trabalho”¹.

3 PESQUISA SOBRE A MODERNIZAÇÃO DA AGROPECUÁRIA

Desde o início de sua carreira, Michèle Salmona dedica-se à pesquisas relacionadas à racionalidade global das políticas econômicas do Estado francês para a agricultura, colocadas em marcha a partir do pós-guerra. A autora desenvolve um estudo sistemático das consequências sobre a saúde física e mental dos agricultores decorrentes da implantação de políticas públicas de modernização da agricultura, processo denominado pela

¹ Sobre as várias tendências desta abordagem, vide: Bendassolli e Soboll (2010).

autora de “modernização violenta”. Dentre os problemas de saúde gerados por tais políticas podem ser destacadas doenças psíquicas e mentais, acidentes de trabalho, exclusão progressiva das mulheres, conflitos familiares, especialmente os intergeracionais, levando à rupturas do grupo familiar, negação dos conhecimentos tradicionais dos agricultores e suas consequências nefastas sobre a valorização e a autoestima dessas populações rurais.

Tal modernização da agricultura foi estimulada por uma política de incentivo econômico, via liberação de empréstimos bonificados àqueles que adotassem as técnicas, equipamentos e processos produtivos e de gestão preconizada. O incentivo econômico é definido por Quiers-Valette (1978 apud SALMONA, 1994b, p. 27) como:

Toda medida específica de política econômica não obrigatória, buscando obter dos agentes que almeja um determinado comportamento, não desejado por eles ou que não pensam adotar, pelo menos no início, em troca de várias vantagens definidas.

Para ter acesso aos empréstimos subsidiados – e se afastar da fronteira da exclusão da agricultura – os pequenos agricultores franceses foram obrigados a seguir as determinações dos técnicos e conselheiros agrícolas, alterando assim suas rotinas de trabalho. Entretanto, apesar dos subsídios recebidos e da adoção dos métodos científicos de produção e gestão, os agricultores observavam que os resultados econômicos obtidos não coincidiam com os objetivos declarados pelos órgãos governamentais. Além disso, diferente do que foi preconizado inicialmente, em vez de diminuir, o trabalho teve seu ritmo acelerado e se tornou mais meticuloso, exigindo um maior esforço físico e mental dos agricultores. Quanto ao aumento dos rendimentos, esses foram incertos, apesar dos esforços dos agricultores:

Esta situação de duplo constrangimento [duplo vínculo], em que nenhuma resposta está certa, leva os pequenos camponeses a suportar cada vez mais com maior dificuldade a política produtivista, e a arcar com as consequências, em particular em matéria de saúde mental (SALMONA, 2007, p. 5).

Esta situação leva a uma situação paradoxal² em que os discursos das organizações e dos agentes de desenvolvimento a respeito dos objetivos do plano

² O conceito de duplo vínculo (*double bind*), criando situação paradoxal foi desenvolvido por Bateson (1972) e Watzlawick, Beavin e Jackson (1967), da Escola de Palo Alto (Califórnia). A autora se refere explicitamente a esse conceito em vários de seus estudos. O duplo constrangimento leva ao enlouquecimento dos sujeitos.

é “anulado” e entra em contradição com a situação real vivida pelos agricultores, situação denominada por Salmona de “dupla pressão”. Tal situação provoca, junto aos agricultores e suas famílias, um sentimento de confusão mental, angústia, depressão e suicídios, porque nenhuma possível solução é satisfatória.

Muitos agricultores passam, eles mesmos, a construir as instalações financiadas para, assim, poder utilizar o dinheiro para outros fins. Entretanto, essa prática gera acidentes de trabalho (quedas, choques elétricos, dentre outros), acidentes esses que se somam aos problemas psíquicos que os acompanham do início ao fim do plano.

Desde o pós-guerra, a implantação da política de modernização da agricultura na França contribuiu, segundo a autora, para desenvolver práticas e conhecimentos científicos que ignoram a vida do trabalho. Tais práticas negam suas sensações, emoções, intuições, paciência e as repetições que permitem bem praticar as atividades, sobretudo aquelas ligadas à criação de animais, quando dizem respeito ao clima: chuvas, secas, tempestades, as quais são dificilmente dominadas pelo conhecimento científico, e naquelas atividades em que os riscos de epidemia nas criações e também doenças e pragas nas culturas agrícolas são permanentes:

A sociologia rural deixa de lado o estudo dessas culturas camponesas, do trabalho e dos ofícios mais próximos da *mêtis*³, que da razão prática. Mesmo os jovens camponeses evocam as questões de brutal deculturação [perda de cultura própria] que, acrescidas ao “endividamento obrigatório” para se inscrever na modernidade, à pressão cada vez maior desse endividamento sobre a vida cotidiana, têm sido elementos determinantes da depressão e do suicídio, durante os últimos vinte anos (SALMONA, 2007, p. 5).

Assim, a obra de Salmona contribui de maneira importante e original para estudar os efeitos sobre as populações rurais e seus grupos sociais da difusão e popularização científica e técnica da denominada “ciência

³ *Mêtis*. Conceito grego utilizado desde os pré-socráticos que corresponde à astúcia ou artimanha. É um tipo de inteligência baseada na astúcia e não na razão. A partir de Platão, o conceito de razão tem ofuscado o de *mêtis* e prevalecido no pensamento ocidental, firmando-se com o Iluminismo no século XVIII e com o positivismo e a modernidade nos séculos XIX e XX. No século XX, a importância da *mêtis* tem sido redescoberta por helenistas (DÉTIENNE; VERNANT, 2008). Por sua vez, Salmona (1979, 2010) mostrou que a *mêtis* permanece ativa no pensamento popular ou tradicional e nas práticas de agricultores e artesãos. Até mesmo em engenharia, tecnologia e gestão modernas, continuam existindo certos aspectos de *mêtis* para resolver os imprevistos que surgem nos procedimentos ou na aplicação de modelos racionais.

agronômica” e da introdução de modelos produtivistas padronizados pelo Estado e por organismos profissionais de extensão rural⁴ e assistência técnica. Isso corresponde ao que é geralmente denominado “Revolução Verde”, embora esse termo nunca tivesse sido amplamente utilizado na França.

4 CRÍTICA À CONCEPÇÃO DOMINANTE DA DIFUSÃO DE TECNOLOGIA E EXTENSÃO RURAL

Ao longo de sua trajetória intelectual, Michèle Salmona tem desenvolvido uma profunda crítica à concepção da difusão de tecnologia e da extensão rural, prevalecente no contexto da modernização imposta aos camponeses franceses, a partir dos anos 1960. Esse ideário não se limita à França, predominou em boa parte do mundo, inclusive no Brasil, e nos países onde se praticou a chamada “revolução verde” que consistia em forte aumento de produtividade, por meio do uso maciço de novas tecnologias, tratores e maquinário pesado, pesticidas e fertilizantes químicos, rompendo com as técnicas agropecuárias tradicionais.

Entre outros aspectos, a crítica diz respeito ao caráter unilateral ou impositivo da relação entre o conhecimento tecnológico moderno, gerado em laboratórios de pesquisa, e os saberes próprios dos produtores adquiridos por experiência. Existe incompatibilidade entre, de um lado, a racionalidade pretendida pelos especialistas e elaboradores dos programas de desenvolvimento rural e, por outro lado, o saber popular dos produtores.

Como observou Salmona (1973, p. 43), entre criadores de ovinos:

As ações de extensão rural e de apoio à gestão têm condicionado o criador a receber receitas e a aceitar resultados ou informações em vez de ajuda para desenvolver sua própria atividade intelectual que lhe permitiria coletar e interpretar essas informações. Assim, o criador recebe um saber e uma informação “em migalhas” que se sobrepõem ao saber adquirido pela experiência e à reflexão pessoal, sem integração. O vínculo não se concretiza entre esses dois tipos de saber, nem entre os dois tipos de reflexão: a que o criador desenvolve em função dos problemas cotidianos na conduta do rebanho, e a outra que é injetada pelos organismos agrícolas e os agentes de desenvolvimento. Esses fatores não estimulam o trabalho intelectual necessário no dia a dia.

⁴ Em francês, o termo “extensão rural” é inexistente e geralmente substituído por “*vulgarisation agricole*”. Vide definições em Ameur (1994).

De modo mais abrangente, a difusão e a adoção das novas tecnologias, geralmente denominadas “inovações”, foram objeto de estudo por Rogers (1967), de amplo sucesso no mundo, que reproduzia de modo sistemático essa visão unilateral, que Salmona (1973, 1994b) critica explicitamente. A unilateralidade do modelo difusionista havia também chamado a atenção de Freire (1971)⁵ que formalizou suas objeções críticas em “Extensão ou Comunicação?”, entretanto nunca houve interação entre Salmona e Freire naquele período. No contexto da América Latina, a autora francesa só mantinha contato com alguns pesquisadores do México.

A postura positivista dessa concepção da extensão rural é assim resumida por Salmona (2003b, p. 46):

A ideologia do poder da ciência sem limite é dominante no discurso dos formadores e dos pesquisadores que pensam elaborar uma Verdade em seus laboratórios sem que houvesse razão para não funcionar no campo de aplicação. Um positivismo estreito e radical caracteriza os organismos de formação [extensão] que dependem do Ministério da Agricultura. A racionalidade econômica rege os comportamentos técnicos e sociais. O homem não possui imaginação, nem afeto, nem desejo, nem sonho; assim é fácil vencer a batalha da modernização. Nesse meio dos formadores manifesta-se [...] uma religião do Progresso. A ideologia do “copo vazio” que se enche com saberes científicos caracteriza a imagem que se tem da pessoa do camponês. Estamos em cima de uma tábua rasa, fora da História e da experiência pessoal e social.

Esta prevalecente visão positivista e tecnocrática, criticada pela autora, leva, segundo ela, ao empobrecimento da cultura técnica e econômica experiencial dos agricultores, devido à adoção dos conhecimentos propostos pelos agentes responsáveis pela implantação dos planos de desenvolvimento. Com isso, há uma gradativa desapropriação do aprendizado adquirido pela experiência dos agricultores (SALMONA, 1986, 1994b).

Para analisar esse processo de substituição do conhecimento tradicional dos agricultores pelo da tecnociência, Salmona (1994b) recorre ao conceito de algoritmo. A autora observa que, cada vez que se forma e se

⁵ Embora Michèle Salmona não tivesse contato com o pensamento de Paulo Freire, pode-se considerar que ambos os autores endereçam à extensão rural convencional críticas convergentes em defesa do saber popular e a favor das trocas de saberes. O mesmo tipo de argumento crítico, contrário ao “difusionismo” tecnológico na agropecuária, é também comentado em Thiollent (1984).

transmite por algoritmização, aos trabalhadores, um saber ou saber-fazer, ocorre um processo de desapropriação do saber adquirido pela experiência, sobre o domínio no qual se difunde essa formação algorítmica. Assim, segundo a autora, algoritmizar uma conduta equivale a generalizar, a simplificar, a predeterminar tais procedimentos. Uma característica do algoritmo está relacionada ao fato de ser comunicável, tanto pela escrita como oralmente. A introdução desse conhecimento algorítmico junto aos agricultores gera efeitos de culpabilização significativos, pois esses são convencidos, pelos conselheiros agrícolas e instrutores de cursos de capacitação, que os “problemas” e “situações problemas” são de simples solução do ponto de vista intelectual. Entretanto, na prática nem sempre problemas técnicos e de gestão são tão simples, sobretudo em se tratando de atividades agrícolas. Quando os agricultores se enganam, eles têm um forte sentimento de culpa e de incapacidade ou incompetência.

Esses enganos não ocorrem pela incompetência dos agricultores, pois os problemas a serem resolvidos por esses são muito mais complexos do que a simplificação feita pela algoritmização do conhecimento. No entanto, os agricultores não se dão mais o direito ao erro. Essa culpabilidade, em vez de estimular o trabalho intelectual para resolver os problemas, torna-os mais pesados e complicados. Quanto mais os agricultores são capacitados para atividades sobre as quais esses já dispõem de numerosos conhecimentos práticos, mais eles têm a impressão de nada saberem e de que seus conhecimentos práticos são “suspeitos” e não operacionais.

Assiste-se, por consequência, em especial junto aos produtores de leite bovino, a uma espécie de paralisia em relação às decisões de intervenção junto aos animais, decisões essas que eles tomariam se eles se permitissem intervir, a partir de seus conhecimentos adquiridos pela experiência, mas que não ousam mais praticar porque os próprios agricultores passaram a duvidar de sua validade, optando por nada fazer. Por outro lado, como o saber e o saber fazer científico difundidos pelos cursos de capacitação são assimilados de forma incompleta e difíceis de colocar em prática, os criadores recorrem ao veterinário com maior frequência, mesmo que seu saber adquirido pela experiência pudesse resolver boa parte de tais problemas. Portanto, a formação conduz a uma perda de domínio das situações de trabalho, ligadas a essa desapropriação e desvalorização do saber dos agricultores.

Michèle Salmona também comenta que numerosos agricultores “em desenvolvimento” e pertencentes às elites técnicas se queixam de não ter tempo para conversar entre eles e falar aos demais agricultores a respeito dos

novos conhecimentos, das novas práticas relacionadas aos novos sistemas técnicos que as estruturas de difusão lhes repassam. A partir do momento em que eles realizam um novo processo de trabalho, são compelidos imediatamente a transformar e melhorar suas práticas sem que tenham o tempo necessário para construir uma imagem mental, a partir de certo distanciamento dessas novas práticas:

Com esse acúmulo de novas práticas, de ações técnicas, esse ativismo exacerbado, não apoiados em um trabalho de ideação, de construção mental do objeto, eles se tornam muito inseguros. Eles se sentem empobrecidos, privados, desapropriados daquele trabalho de elaboração mental que lhes daria apoio afetivo, segurança íntima. Estão privados da ideação de sua ação e ressentem aquela corrida ao ativismo sem distanciamento mental como fragilizante, e se queixam disso (SALMONA, 1994b, p. 26).

A autora menciona, como exemplo de empobrecimento total do conhecimento dos agricultores, o caso da introdução de análise de solos junto aos produtores de hortaliças. Esses olericultores são levados a abandonar seu sistema de nominação dos solos porque esses não mais correspondem àquele das análises laboratoriais. Ao mesmo tempo, esses agricultores passam do cultivo de hortaliças ao ar livre para aquele em estufas. Assim, as taxionomias locais para o uso do solo, utilizadas pelos agricultores durante séculos, tornam-se ultrapassadas e são brutalmente desvalorizadas pelos técnicos, os quais reconhecem apenas os resultados das análises químicas de solo como referência confiável.

5 CUSTOS SOCIAIS E HUMANOS DA MODERNIZAÇÃO

Uma das contribuições da obra de Salmona consiste em analisar os custos humanos gerados pelos processos de modernização do meio rural e pela tecnologia. A autora discute como a modernização, a intensificação e padronização do trabalho são suportadas pelas famílias de agricultores, e como pesam os custos sociais e humanos dessa modernização para os pequenos produtores familiares.

Os custos sociais são analisados, com base no conceito de Kapp⁶ (1976 apud SALMONA, 1994, p. 30) que abrange:

⁶ Karl William Kapp (1910-1976), economista alemão, reconhecido por sua grande contribuição em economia do meio ambiente, precursor da ecologia política.

todas as perdas diretas e indiretas sofridas por terceiros ou pelo conjunto da sociedade, após implantação de atividades econômicas não controladas por estes. Essas perdas sociais podem tomar a forma de prejuízos à saúde humana, como a destruição ou deterioração de bens, ou pelo esgotamento prematuro dos recursos naturais, ou ainda podem se traduzir na alteração de valores menos tangíveis.

Certas perdas sociais podem ser atribuídas a processos de produção, outras resultam de uma interação de um grande número de fatores, tendo uma etiologia complexa e, com frequência, cumulativa. Os custos sociais da produção são sentidos de imediato, mas seus efeitos negativos permanecem ocultos durante longo tempo, porque as pessoas lesadas não se apercebem dos danos que lhes causam. Em alguns casos, as perdas afetam apenas grupos sociais de indivíduos, em outros, acometem o conjunto dos membros de uma sociedade.

Embora os danos à saúde física e mental do homem, ao longo de atividades de produção, representem um caso antigo e geralmente reconhecido como custos sociais, as políticas de modernização da agricultura os ignoram. Segundo Kapp (1976 apud SALMONA, 1994b, p. 30) “*para serem reconhecidos como custos sociais, os efeitos danosos e a ineficácia devem apresentar duas características: podem ser evitados ou inseridos ao longo das atividades de produção e serem repassados a terceiros ou para a sociedade em geral*”.

Segundo a autora, a evolução do impacto das políticas públicas de incentivos (*incitations*) econômicos na agricultura e no artesanato em geral não leva em consideração a análise dos custos sociais. O acompanhamento da evolução dos impactos gerados pelos incentivos, para o desenvolvimento sobre o grupo de trabalho familiar, coloca em evidência as patologias geradas por problemas da reorganização do trabalho, de rendimentos, de investimentos e de endividamento ligados ao estímulo econômico.

Estas patologias do corpo, da psique, da vida familiar e relacional do grupo familiar podem ser, segundo Salmona, visíveis, perceptíveis, mensuráveis num período de transformações tecnológicas, de banalização científica e técnica, particularmente no início e ao fim do período de estímulo, pois acidentes de trabalho, incapacitações profissionais temporárias ou definitivas, depressão e estado pré-suicídio demarcam os tempos e a história de estímulo econômico.

Entretanto, em vez de empregar a noção de custo social, que engloba não apenas a pessoa trabalhadora, mas também os bens e recursos naturais, a autora emprega, em suas análises, o conceito de custo humano do desenvolvimento, definido pela autora como “*as perdas físicas, mentais, relacionais, sociais e identitárias ocasionadas pela realização de uma transformação técnicoeconômica, em um ou vários parceiros do coletivo de trabalho ou membro da família, afetado pelo incentivo econômico*” (SALMONA, 1994b, p. 32).

Assim, os custos humanos ligados à modernização se referem ao empobrecimento das relações nos grupos familiares, e à dessocialização, que se produz pelo aumento da carga física e, sobretudo, pelo aumento da fadiga nervosa ligados às transformações e divisão do trabalho em função do gênero, ao aumento do tempo dedicado a atividades de supervisão, de controle e gestão técnica:

Com o aumento temporário do volume de trabalho e do volume de fadiga nervosa, agrava-se o empobrecimento das relações dentro do grupo familiar; em vez de se enfrentarem, os membros do grupo acabam fugindo das discussões e evitam os encontros, as discussões sendo desperdício de energia (SALMONA, 1994b, p. 38).

A autora constrói também uma tipologia dos custos humanos. São agrupados em três tipos: (a) custos psicopsicológicos; (b) custos relacionais familiares; (c) custos humanos de origem estrutural (SALMONA, 1994b, p. 34).

Os custos psicopsicológicos de desenvolvimento são representados pela aparição da doença física ou psíquica e a multiplicação dos acidentes de trabalho. Esses custos são ligados a fenômenos diretamente provocados pelo aumento do tempo e volume empregados no processo de desenvolvimento e modernização, necessário além do trabalho habitual para construir instalações novas com novas tecnologias. Há também o aumento da fadiga nervosa provocada pela exigência de redigir relatórios e de aplicar procedimentos administrativos múltiplos. A ansiedade resulta também das “preocupações com endividamento e novas formas de gestão econômica” (SALMONA, 1994b, p. 34). Tais custos têm por consequência efeitos sobre as relações no interior do grupo de trabalho e da família. Introduzem conflitos entre adultos, dificuldades de socialização das crianças, dentre outros, causando problemas especialmente difíceis de suportar pelas pessoas, famílias e grupos sociais afetados.

Os custos relacionais familiares remetem ao conjunto de pressões de trabalho, da carga de trabalho, de questionamentos dos hábitos mentais e físicos. As transformações de tarefas acentuam os conflitos pré-existentes no grupo de trabalho, gerando fadiga física e nervosa.

Os custos humanos estruturais remetem aos efeitos patogênicos produzidos sobre os grupos e as famílias envolvidos nos planos de desenvolvimento por contatos individuais ou coletivos de agricultores com a tecnoestrutura. Os efeitos patogênicos são provocados pelo funcionamento mesmo do aparelho burocrático agrícola; pelas situações de dupla pressão conduzidas pelos agentes do aparelho responsável pelo controle das políticas de incentivo e; pelo contato brutal e obrigatório com um saber algorítmico veiculado pela tecnoestrutura nas relações de formação/ assessoria/ extensão de tais conhecimentos.

As pesquisas conduzidas por Salmona foram acompanhadas pela produção de filmes, permitindo assim a explicitação das dimensões sociais do sofrimento dos agricultores e as dimensões cognitivas e afetivas do trabalho (SALMONA, 2003a).

6 DEPRESSÕES E SUICÍDIOS

Uma das maiores contribuições do trabalho de Salmona é dar visibilidade às patologias psicossociais decorrentes de processos de desenvolvimento, as quais passam despercebidas no interior do grupo familiar de agricultores. A autora considera que é mais difícil perceber e prevenir essas doenças físicas e emocionais no mundo rural do que no mundo urbano.

Em suas pesquisas junto a médicos psiquiatras de hospitais do Sudeste francês, bem como em observações pessoais, nos anos 1970 em outras regiões, a autora constatou a demora das redes de saúde em perceber as manifestações de patologia mental, depressões e epidemias de suicídio, e observou também o desconhecimento e a rejeição da ocorrência desses distúrbios entre as autoridades políticas e os responsáveis pela promoção de políticas públicas de apoio econômico e bem-estar das populações rurais. Quem melhor captou esses problemas de saúde mental foram as redes de instituições religiosas, pois essas conheciam em detalhes o desenvolvimento de epidemias de suicídios e haviam acumulado reflexão sobre a etiologia dos problemas de saúde pública.

Ao discutir a etiologia do suicídio, Salmona (1994b) se refere aos trabalhos de Wachter (1987), realizados na região Oeste da França que mostram que as zonas com maiores índices de suicídios são aquelas

com uma estrutura familiar particular, com uma relação desigual entre os casais, marginalização e isolamento social dos indivíduos. Nessas circunstâncias, ocorrem estados emocionais em que se misturam o desespero afetivo, sentimentos de solidão e desesperança. Esses problemas são mais presentes entre celibatários, viúvos e divorciados em que a percepção da solidão conduz à manifestação de patologias de autodestruição como o alcoolismo e o suicídio.

Em geral, o suicídio se circunscreve aos indivíduos situados na base da hierarquia social: operários urbanos, assalariados agrícolas e agricultores, categorias sociais em que seus componentes têm poucas oportunidades de mobilidade social e geográfica. Ao seu imobilismo sócia, soma-se a inércia residencial e territorial. A permanência nessa condição social pode gerar também sentimentos de decepção, de desesperança, de ressentimento e frustração. A intensidade desses sentimentos é ainda mais violenta em meio a uma conjuntura social dinâmica e evolutiva. Assim, a autodestruição passa a ser um caminho para fugir da perpetuação dessa condição social e do desespero afetivo. Embora faltem dados precisos sobre o número de casos, considera-se que houve forte aumento, a partir dos anos 1970.

O que se pode inferir da abordagem do suicídio nas atividades agropecuárias é que não há uma explicação causal simples e única. Por exemplo, é conhecido o fato de que o uso intensivo de agrotóxicos provoca ou agrava diversas doenças. Todavia, na relação do agrotóxico com o suicídio, o primeiro não é isolável de outros fatores, como os da deterioração das relações sociais, econômicas, familiares e psicológicas. Nesse ponto, a postura da autora é de lançar um alerta: é a própria concepção da modernização imposta aos agricultores que explica a deterioração da vida social e não um fator isolado entre outros.

7 CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DAS MULHERES

Salmona (2003a) aborda as questões de gênero ligadas à pequena agricultura familiar e os efeitos gerados pela introdução de técnicas modernas de produção, efeitos esses gerados, tanto na desqualificação do trabalho feminino junto à produção animal (produção de bovinocultura de leite, ovinos e caprinos), como em seus conhecimentos tradicionais.

Um dos temas analisados pela autora diz respeito à penosidade do trabalho agrícola e a sua inadequação à condição da mulher. Apesar da modernização e da

mecanização na produção leiteira, especialmente na ordenha e manejo das vacas, é ainda frequente que as agricultoras recebam coices nas mãos, no peito e na face. Além disso, os problemas ligados aos odores e à sujeira da atividade de manejo dos animais são mal suportados pelas mulheres, pois essas se ressentem mais que os homens das condições insalubres do trabalho com os animais.

Na produção de hortaliças, há desconforto, devido ao calor nas estufas e da postura agachada necessária para realizar certas tarefas. As atividades de colheita de flores silvestres ou de flores de laranjeiras também são consideradas penosas, pois são realizadas antes do nascer do dia, com o auxílio de escada, com quedas frequentes.

A autora constata que, desde o pós-guerra, as agricultoras francesas viram seus métodos de trabalho e modos de vida se transformarem rapidamente. As políticas europeias de desenvolvimento conduziram-nas rumo ao produtivismo, caminho esse que, contemporaneamente, mostra seus limites. As agricultoras vivenciaram, com pesar, as transformações dos territórios nos quais viviam e trabalhavam, transformações essas causadas pelas construções desordenadas, pelo êxodo rural, pela urbanização acelerada, pelo crescimento do turismo, que causaram o desaparecimento das atividades tradicionais na vida dos territórios.

Para se contraporem a estas transformações violentas, as agricultoras criaram formas de resistência tais como passeatas, táticas de artimanhas (*tactiques de ruse*), e estratégias de evasão/contorno (*détournement/contournement*). Colocadas à margem do saber técnico-científico nos contextos de pesquisa para o produtivismo máximo, essas mulheres, segundo Salmona (2003a), souberam fazer reconhecer seu *status* profissional e desempenhar um papel importante nos empreendimentos familiares, assumindo a responsabilidade da gestão e da contabilidade.

A reestruturação das unidades de produção levada a cabo, a partir dos anos 1970, também colocou em questão a organização do tempo. Além das atividades ligadas à gestão e ao trabalho doméstico, elas passaram a ser pressionadas para encontrar tempo disponível para realizar as atividades ligadas à produção em atividades de transformação e de comercialização de produtos.

Outra fonte de conflitos tem origem na coabitação dos jovens casais com seus pais. Trabalhar juntos e viver no mesmo teto gera frequentemente conflitos violentos entre gerações, especialmente entre sogras e noras, disputando espaço na propriedade agrícola.

Salmona (2003a) observa também as mudanças na organização do tempo das agricultoras, causada pela modernização dos estabelecimentos. Até os anos 1970, as agricultoras realizavam suas atividades em vários espaços nas diversas instalações, ficando disponíveis à necessidade da realização das múltiplas tarefas. Com a taylorização e mecanização do trabalho agrícola e sob a pressão dos técnicos e agentes de desenvolvimento, as mulheres passam a ter seu trabalho e tempo rigidamente definidos e controlados. Assim, as novas atividades assumidas pelas mulheres, – como as desenvolvidas junto ao rebanho leiteiro criado em sistema de confinamento e a produção de olerícolas em estufas –, passam a causar profunda mudança na dinâmica de gestão do tempo. Isso implica em dificuldades para desempenhar as atividades tradicionalmente sob sua responsabilidade, como preparar as refeições, receber os técnicos e se dedicar às negociações com as organizações agrícolas fora do estabelecimento.

As rígidas obrigações impostas pelos horários de ordenha – pela manhã e no fim do dia – dificultam a compatibilização dessas atividades produtivas com a realização do trabalho doméstico, já que o horário da ordenha coincide com a preparação dos filhos para ir à escola. Esses dois tipos de trabalho – profissional e doméstico – geram conflitos insolúveis para as agricultoras, pois qualquer que seja a escolha feita por elas, há sentimento de culpa. Além disso, a orientação dada à agricultura familiar conduz as agricultoras a desenvolver atividades de transformação de produtos, como queijos, embutidos, patê e preparar cestas de legumes vendidos diretamente junto à associação de consumidores. Assim, as mulheres passaram a ter uma longa jornada de trabalho. Essa falta de tempo para dar conta das atividades produtivas e domésticas, somada às dificuldades econômicas dos estabelecimentos, aumentam os riscos de inviabilização das pequenas explorações agrícolas, pois as agricultoras passam a ter a percepção de que somente é possível resolver tais problemas deixando o meio rural.

Outro problema para as mulheres se refere ao acesso ao conhecimento de técnicas modernas de produção e dos saberes técnico-científicos colocados apenas ao acesso de seus maridos. Assim, as agricultoras permanecem excluídas dos estágios de capacitação em biologia animal e vegetal, sobre o uso de produtos químicos, como adubos, agrotóxicos, ou de cursos sobre solos. Os assessores agrícolas, por sua vez, se dirigem aos seus maridos e raramente a elas. Essa exclusão do saber científico e, por consequência, o domínio parcial e isolado destas técnicas

levam as agricultoras a cometer erros e a se lamentar por não ter acesso a essa formação científica e técnica.

Entretanto, a partir dos anos de 1970, as agricultoras recorrem à realização de estágios de formação em gestão e contabilidade, encontrando nessas áreas de conhecimento meios de apreender a exploração agrícola, não apenas pela adoção de práticas isoladas, adquirindo assim mais poder junto à família. Mesmo que certas mulheres jovens passem a frequentar escolas de agricultura e a ter acesso ao conhecimento científico pelo ensino superior, apenas algumas dessas se instalam como produtoras. Com seus diplomas de agrônomas, elas escolhem trabalhar como assessoras agrícolas ou no setor agroalimentar.

Se o acesso das mulheres ao conhecimento em gestão e contabilidade foi considerado por essas uma “revolução suave”, sendo um meio de valorização e de reconhecimento enquanto trabalhadoras, esse processo ocorreu não sem violência, pois essas recebiam insultos e sarcasmos de agricultores por elas “se intrometerem em negócios de homens”.

Este grupo de mulheres que militaram para obter um *status* profissional passou a adquirir conhecimentos em informática, internet, e a buscar sua aposentadoria em torno de novas atividades consideradas “mais culturais” ou políticas, em torno da memória do território, ou da aprendizagem de técnicas de comunicação. Algumas dessas mulheres desempenharam uma atividade militante em suas organizações sindicais, buscando se reinserir nas sociedades locais das quais haviam sido marginalizadas. A nova geração de agricultoras adquiriu, nas atividades assalariadas precedentes ao casamento, competências significativas para gerenciar o empreendimento e, especialmente, negociar com as organizações agrícolas e na administração do empreendimento (SALMONA, 2003a).

8 VIOLÊNCIA E BEM-ESTAR ANIMAL

As análises de Salmona (2003a) associam as discussões de gênero às crescentes preocupações com a violência, o bem-estar animal e a sustentabilidade. Em suas pesquisas, a autora observou que as mulheres têm atitudes e práticas de cuidados e manejo dos animais próximos àquelas adotadas nas atividades domésticas e com seus familiares e que elas estendem tais práticas e seus conhecimentos afetivos para os cuidados com os animais. Ao discutir os efeitos da modernização da produção de leite na França, caracterizada como adoção de “métodos brutais de criação”, a autora observa que as mulheres optaram por manter os “métodos suaves de criação no

manejo dos animais” (SALMONA, 2003a, p. 126). Assim, diferentemente dos homens, elas não gritam, não fazem movimentos bruscos, não batem e evitam comportamentos que possam inquietá-los.

Segundo a autora, o investimento afetivo é particularmente acentuado nas criações de ovelhas, cabras e vacas, em cujas criações a ordenha e a alimentação ainda não levou a reificação encontrada em criações de escala industrial como a suinocultura. Já a criação em escala industrial favorece a violência com os animais, comprometendo seu bem-estar.

Devido a esta diferente visão da relação entre seres humanos e animais decorrentes da condição de gênero, podem-se explicar as diferentes posturas entre homens e mulheres quando da introdução, a partir do início da década de 1970, das técnicas ditas modernas de produção: criações confinadas e alimentadas com rações industriais, medicações com antibióticos, uso de inseminação artificial e vacinações múltiplas. Aquelas mulheres que tiveram a oportunidade de escolher os sistemas de produção, optaram por sistemas de criação mais suáveis, segundo os termos da autora, ou por sistemas que reduzem o uso de técnicas brutais de criação. Essa diferente visão das mulheres, na relação com os animais, lhes possibilitou formular críticas ao produtivismo e modos industriais de produção que, mais adiante, geraram sérios problemas tais como o mal da vaca louca⁷, levando à crise econômica aqueles criadores que optaram por essas técnicas brutais de criação:

Violência e hiperprodutivismo têm ocasionado a catástrofe da epidemia da vaca louca e a desvalorização entre consumidores dos animais criados de modo confinado. Os próprios homens foram levados a duvidar e questionar essas práticas brutais percebidas como torturas. Mais que os homens, frequentemente, as criadoras utilizam com os animais práticas que remetem à mêtis: em vez de obrigar o animal a aceitar certos medicamentos ou certos tratamentos que requerem algum tipo de violência, elas brincam com o animal como se fosse uma criança para lhe fazer aceitar cuidados dolorosos. [...] Elas não enfrentam o animal para curá-lo: elas utilizam táticas de artimanha e astúcia (SALMONA, 2003a, p. 127-128).

A autora observa que o distanciamento das mulheres da formação tecnicocientífica lhes facilitou uma posição crítica em relação à onda de métodos violentos de

⁷ Doença neurodegenerativa do gado, conhecida como *encefalopatia espongiiforme bovina*, surgiu na Inglaterra nos anos 1980.

criação animal, estando assim em sintonia com as reflexões internacionais sobre o desenvolvimento sustentável, especialmente após a realização da Conferência Rio 92, e da tomada de consciência, no meio acadêmico, do papel do bem-estar animal para se obter a qualidade. Assim, com a emergência das discussões a respeito do desenvolvimento sustentável, a exclusão histórica das mulheres da formação tecnicocientífica lhes conferiu vantagens em relação à produção e bem-estar animal, em relação à crítica aos OGMs (organismos geneticamente modificados), à clonagem, dentre outras técnicas oriundas da tecnociência. Entretanto, essa lucidez das mulheres não significa, segundo Salmona (2003a), que essas estejam “do lado da natureza”, mas que suas reflexões e ações são profundamente ligadas à cultura do cuidado com seres vivos:

Elas não se deixam seduzir pelos discursos científicos e técnicos quando esses forem profundamente desmentidos pela cultura secular do cuidado e do trabalho entre mulheres [...]. Os princípios que norteiam sua pedagogia do cuidado, responsabilidade, apego, paciência, ternura, contato corporal afetivo e de comunicação pela fala, carinho, canto, voz, será que resistirão à pressão decorrente da globalização, das técnicas e do mercado? Essa pressão coisifica o animal pela violência e também coisifica a pessoa que a administra. As criadoras não suportam mais que lhes seja pedido «de descartar os porquinhos ao nascer porque são demais (SALMONA, 2003a, p. 128-129).

Frente às violências das políticas de desenvolvimento, embora as mulheres sintam tanto quanto os homens, essas carregam suas preocupações econômicas sem, muitas vezes, comentá-las com eles. Como repousa sobre elas a responsabilidade de gerir a saúde da família, elas se dão rapidamente conta das transformações do ambiente familiar. Esses dois fatores, característicos das mulheres, agravam suas inquietudes.

9 SOBRE A METODOLOGIA DE PESQUISA

No plano da metodologia das ciências sociais e humanas, observa-se que a abordagem crítica adotada por Michèle Salmona, ao longo de suas pesquisas sobre as condições de vida, trabalho e saúde dos camponeses, nunca tem sido dogmática, pois não pressupõe adesão prévia a algum sistema teórico, como marxismo, psicanálise, teoria crítica ou outro. A abordagem é sempre concreta, enraizada na observação e no convívio com as populações em suas

práticas cotidianas. A descrição dessas práticas, e de seus efeitos por vezes dramáticos, se contrapõem de modo crítico ao otimismo ou à cegueira dos discursos oficiais sobre a modernização da agricultura.

Ademais, a abordagem adotada pela autora não fica confinada em uma disciplina acadêmica estritamente delimitada. As observações e interpretações transitam em várias áreas das ciências sociais e humanas: sociologia, antropologia, psicologia social, psicologia do trabalho, psicopatologia, ergonomia, educação, etc. Entretanto, o trabalho manual e intelectual, como objeto de estudo, permanece central em suas análises. A psicologia do trabalho que a autora pratica desde os anos 1960, pode ser considerada como precursora de novos enfoques, como a psicodinâmica do trabalho ou as clínicas do trabalho.

Como notou Dejours (1994, p. 16):

A abordagem de Michèle Salmona consiste em reconsiderar os campos de conhecimento convencionais a partir de um método crítico fundamentado com referência constante aos saberes *práticos* dos agricultores e pecuaristas, que ela tem sistematicamente elucidado ao longo de sua pesquisa de campo. Disso resultam descobertas que incomodam a ordem estabelecida dos conhecimentos científicos. Em particular no que toca à análise da inteligência em *ação*, isto é, em situação efetiva de trabalho (diferente das situações *experimentais* nas quais são fundamentadas as teorias correntes da inteligência). [...] A originalidade da análise proposta pela autora também se encontra no cuidado de nunca omitir a *dimensão* relativa ao sofrimento, prazer, doença, loucura e saúde. Sem tal *dimensão*, *só haveria agentes, atores ou operadores*. Aí, o sujeito está sempre em evidência, com suas fraquezas, seus talentos, suas astúcias.

Em várias de suas pesquisas de campo, consultorias em instituições agrícolas e assessorias a movimento de trabalhadores rurais, Michèle Salmona usou métodos participativos e de pesquisa-ação. A autora se refere explicitamente a essa opção em seus escritos (SALMONA, 1994a, 1994b), inclusive em sua tese de doutorado (SALMONA, 1991)⁸.

Dejours (1994) reconhece o caráter participativo da abordagem e enfatiza o papel da devolução do conhecimento aos produtores:

⁸ Ver também Nicourt (2000).

[...] o texto de Michèle Salmona traz uma contribuição maior para a antropologia do trabalho. No entanto, a problemática *não se encerra em objetivos científicos, mas integra as* consequências dos novos conhecimentos e do processo de sua produção, de volta, sobre a realidade do atual mundo agrícola. Todas as pesquisas conduzidas por Michèle Salmona [...] têm trazido resultados em que os próprios agricultores têm participado diretamente. Essa forma especial de *cooperação e de interação* entre pesquisador e atores contribui para fazer evoluir assim seus próprios pontos de vista com relação às restrições de suas práticas sociais e profissionais (DEJOURS, 1994, p. 17).

[...] Esse momento da devolução que funciona de modo recursivo durante as investigações, tem, primeiro, um valor científico: o da *validação das interpretações. Além disso, e principalmente, tem* impacto no registro da ação: a da transformação ou da negociação das restrições sociais, econômicas e políticas que estruturam a organização do trabalho do agricultor (DEJOURS, 1994, p. 18).

De modo complementar, em suas pesquisas, Salmona tem incorporado o uso de técnicas específicas que tornam a pesquisa-ação mais operacionalizada, como por exemplo, o calendário e o mapeamento de riscos a que se expõe o trabalhador na atividade agropecuária, com entrevistas de tipo narrativo, técnicas de representação dos problemas e situações por meio de desenhos (SALMONA, 1994b), técnicas de discussão em grupo. Na década de 1970, Michèle Salmona usou técnicas desse tipo inspiradas em pesquisas de origem latinoamericana, especialmente mexicana¹⁰.

10 CONCLUSÃO

Nos estudos de vida e trabalho no campo, a grande contribuição de Michèle Salmona, ao longo de cinco décadas de pesquisa, é marcada pela originalidade de sua abordagem: crítica da modernidade tecnocrata e impositiva das políticas agrícolas e dos programas de extensão rural, com ênfase nos efeitos nefastos sobre o conhecimento e a saúde dos trabalhadores. Sua metodologia de pesquisa deixa um amplo espaço para a expressão dos próprios interessados, o que a caracteriza como pesquisa-ação, com devolução

¹⁰A autora se refere a trabalhos desenvolvidos nos anos 1970 pelo CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y el Caribe), sediado no México.

da informação aos participantes e à sociedade, no sentido de fazer conhecer os problemas, por vezes de lançar um alerta contra os riscos a que se expõem os trabalhadores: doenças, depressão e suicídio. Isso rompe o silêncio interessado de especialistas em desenvolvimento rural que atuam a serviço do agronegócio sem responsabilidade social.

As observações e críticas apresentadas por Michèle Salmona foram formuladas no contexto da agropecuária francesa, mas, em termos conceituais e metodológicos, podem ser estendidas às agriculturas de outros países que são objeto de políticas econômicas e tecnológicas semelhantes, nas quais os fatores humanos e culturais, os custos sociais e ambientais não são levados em consideração de modo adequado. Em toda parte, imperam modernização e racionalização para aumentar a produtividade e a lucratividade imediata a qualquer custo, e isso apresenta sérios riscos para a sustentabilidade da agricultura e do sistema agroalimentar, no longo prazo.

Os problemas do trabalho rural têm sido menos estudados que os do trabalho urbano-industrial. Os acidentes, doenças e distúrbios psicológicos que acontecem no campo, por vezes em lugares remotos, são menos visíveis e em geral ignorados. Numa perspectiva crítica, para os estudiosos do trabalho e da gestão agropecuária, a utilidade de se ampliar a divulgação da obra de Michèle Salmona é evidente, como fonte original para renovar as pesquisas sociais e psicológicas no campo. Os temas que, nos limites deste artigo, apresentamos e comentamos, são apenas uma pequena parte da obra da autora. A efetiva aplicação das ideias de Michèle Salmona aos problemas da realidade brasileira é um objetivo que ainda não foi iniciado, pois a autora nunca teve contato com o Brasil, país onde ainda é pouco conhecida.

11 REFERÊNCIAS

- AMEUR, C. **Vulgarisation agricole approches et orientations**. Montpellier: CIHEAM, 1994. Disponível em: <<http://om.ciheam.org/om/pdf/a24/CI950052.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2012.
- BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. Chicago: University of Chicago, 1972.
- BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2010. 304 p.

- CHEMIN, A. L'augmentation des suicides exprime la détresse des paysans. **Le Monde**, Paris, 26 out. 2002. Disponível em: <http://docs.ac-toulouse.fr/lyc-toulouse-lautrec-toulouse/opac/index.php?lvl=more_results&mode=keyword&user_query=suicide>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- CLOT, Y.; LHUILIER, D. (Org.). **Agir en clinique du travail**. Toulouse: Érès, 2010.
- DEJOURS, C. Avant-propos. In: SALMONA, M. (Ed.). **Les paysans français: le travail, les métiers, la transmission des savoirs**. Paris: L'Harmattan, 1994. p. 15-18.
- DEJOURS, C.; BÈGUE, F. **Suicide et travail: que faire?** Paris: PUF, 2009. 130 p.
- DÉTIENNE, M.; VERNANT, J. P. **Métis, as astúcias da inteligência**. São Paulo: Odysseus, 2008.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Org.). **Christophe Dejours: da psicopatologia do trabalho à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; Brasília: Paralelo 15, 2011.
- NICOURT, C. Compte-rendu Michèle Salmona, souffrances et résistances des paysans français. **Ruralia**, Valencia, n. 6, 2000. Disponível em: <<http://ruralia.revues.org/163>>. Acesso em: 30 jan. 2012.
- ROGERS, E. M. **Diffusion of innovations**. New York: The Free, 1967.
- SALMONA, M. Dépressions et suicides dans le monde des petits paysans. **Rhizome Bulletin National Santé Mentale et Précarité**, Lyon, n. 28, p. 5-9, oct. 2007.
- SALMONA, M. Des paysannes en France: violences, ruses et résistances. **Cahiers du Genre**, Paris, n. 35, p. 117-140, 2003a.
- SALMONA, M. **Les champs de la détresse**. Disponível em: <<http://www.agrobiosciences.org/IMG/pdf/salmona-44-47.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2003b.
- SALMONA, M. **Les cultures techniques et le travail des paysans français face aux politiques publiques de vulgarisation et d'incitation économique**. 1991. 424 p. Thèse (Doctorat d'État) - Université Paris X, Nanterre, 1991.
- SALMONA, M. **Les paysans français: le travail, les métiers, la transmission des savoirs**. Paris: L'Harmattan, 1994a. 372 p.
- SALMONA, M. **Métis-paradoxe: qualification ou expropriation de l'intelligence de la production: bureaucratie et avatars de la vulgarisation de la science en agriculture**. Nanterre: Université Paris X, 1979. 39 p.
- SALMONA, M. Pensée de l'action avec la nature et le vivant: la Métis et Jean-Pierre Vernant. In: CLOT, Y.; LHUILIER, D. (Org.). **Agir en clinique du travail**. Toulouse: Érès, 2010. p. 185-202.
- SALMONA, M. Sociopathologie du développement: la face cachée du développement: paupérisation mentale, affective, culturelle. In: MACLOUF, P. (Org.). **La pauvreté dans le monde rural**. Paris: ARF; L'Harmattan, 1986. p. 339-254.
- SALMONA, M. **Souffrances et résistances des paysans français**. Paris: L'Harmattan, 1994b. 254 p.
- SALMONA, M.; VRIES, H. de. **Un homme au travail: résultats d'une étude exploratoire de psycho-économie sur le travail et la personnalité de l'éleveur ovin**. Nanterre: Université Paris X, 1973. 87 p.
- THIOLLENT, M. Anotações críticas sobre difusão de tecnologia e ideologia da modernização. **Cadernos de Difusão de Tecnologia**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 43-51, 1984.
- WACHTER, S. **Etat, décentralisation et territoire**. Paris: L'Harmattan, 1987.
- WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1967.